



TERRITÓRIOS LGBT EM SALVADOR - USOS DO ESPAÇO, SOCIABILIDADE E VIOLÊNCIA¹

Érico Silva do Nascimento²
Oswaldo Fernandez³
Marco Antonio Matos Martins⁴

Apresentação

Este trabalho busca, em um primeiro momento, apresentar a distribuição espacial dos locais frequentados por homossexuais (população LGBT) em Salvador e, em uma etapa posterior, associar os crimes contra homossexuais ocorridos no período 2000-2007 contra esta população nos locais identificados com a população LGBT. É preciso ressaltar que, embora estejamos tratando de crimes contra homossexuais, não estamos discutindo o caráter homofóbico que poderia permear estes crimes. Esta análise objetiva apenas apresentar a distribuição destes crimes, por entender que, embora vieses homofóbicos possam ser encontrados, esta discussão exige um tratamento que pressupõe uma análise mais aprofundada, a ser completada em estágios posteriores de pesquisa.

Espaço e Sociabilidade Homossexual

A construção da violência contra homossexuais como “problema social” conquistou maior atenção da opinião pública após a revolta ocorrida em Nova Iorque no bar Stonewall em junho de 1969⁵. Para Castells (1999), após a revolta, os homossexuais começaram a se organizar politicamente não apenas em torno de instituições comunitárias de apoio, mas também no território, ocupando regiões específicas e espacialmente segregadas nas grandes metrópoles dos EUA. Esta dispersão dos gays ao longo das grandes cidades americanas acabou gerando o que Castells (1999) e os próprios movimentos homossexuais chamaram de “áreas liberadas”. Em oposição ao termo

¹ Este trabalho está associado a um projeto de mestrado em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal da Bahia e a uma pesquisa, atualmente em fase de conclusão, financiada pelo Programa Nacional de DST-AIDS, Ministério da saúde, e pelo UNODC - Termo de Cooperação N°. 254/07.

² Urbanista, Pesquisador do NUGSEX DIADORIM UNEB e Mestrando em Arquitetura e Urbanismo (UFBA)

³ Antropólogo, Doutor em Ciências Sociais, Pesquisador do Nugsex Diadorim PROEX-UNEB e da Columbia University - School of public Health

⁴ Antropólogo, Mestre em Antropologia, Vice Coordenador Nugsex Diadorim PROEX-UNEB

⁵ Na verdade, o Stonewall é considerado o marco moderno da liberação gay, baseada na expressão radical da luta pela visibilidade homossexual, embora já houvesse ações anteriores no sentido de promover os direitos homossexuais. Para melhor entendimento, ver Castells: 1999.



gueto (Wirth: 1928), as áreas liberadas seriam os locais de escolha deliberada para moradia, comércio e lazer, formando um mercado segmentado.

Esta também é a visão compartilhada por MacRae (1983) e Perlongher (1987). Para o primeiro, a maior aceitação dos homossexuais, observada no Brasil a partir do início da década de 1980, estava ligada a formação de um “mercado do sexo” ligado à identidade homossexual. Para Perlongher⁶, a territorialidade homossexual em São Paulo está ligada a uma territorialização “marginal”, análoga à “região moral” ocupada por desviantes, tal como definida por Park (1916).

No ano 2000, o antropólogo Luiz Mott publicou uma pesquisa na qual mapeava a extensão da ocupação homossexual em Salvador, que ele denominou “cena gay” e definiu como sendo o conjunto dos “...espaços ao ar livre, logradouros urbanos e estabelecimentos comerciais que servem de nicho ecológico para sociabilização e encontros de variados graus entre homens com atração homossexual” (MOTT, 2000:13).

De acordo com o estudo, a cena gay de Salvador contaria, entre 1999 e 2000, com 9 bares e 3 boates, 7 saunas e 3 cinemas (2 pornográficos e 1 onde o sexo entre homens era comum). O autor listou também 12 ruas e monumentos históricos, além de 6 praias onde ocorreriam atividades ligadas à expressão da homossexualidade masculina. A partir dos dados encontrados na monografia *Territórios e Circuitos Homossexuais em Salvador: há um gueto gay?*⁷ (NASCIMENTO: 2007), no período 2004-2007 podem ser encontrados, em Salvador, 2 cinemas de sexo, 5 praias, 7 saunas, 16 ruas e monumentos e 15 bares e boates, divididos em três grandes áreas da cidade, denominadas “manchas”.

De acordo com Magnani (2000, p. 40), sob a denominação de manchas, encontramos áreas que englobam estabelecimentos e serviços que se complementam e dão suporte a um estilo de vida⁸. No interior de uma mancha, são realizadas diversas atividades que, embora não tenham relações entre si, usam os mesmos espaços físicos. Segundo o autor, estes conceitos não abarcam as dimensões da segregação e as lutas simbólicas pela apropriação do espaço e dão conta apenas da

⁶ Embora tenha estudado a prostituição homossexual masculina na cidade de São Paulo, Perlongher também discutiu a possibilidade de uso do termo “gueto gay” para verificar a extensão da ocupação homossexual nesta cidade. O autor concluiu que, no caso do Brasil, não era possível falar naquele momento em um gueto clássico como na concepção norte-americana proposta por Wirth, mas sim em áreas especificamente apropriadas por usos desviantes e definidas a partir dos costumes, utilizando como conceito básico de trabalho o “território”.

⁷ A monografia foi defendida no ano de 2007 na Universidade do Estado da Bahia – UNEB, por Érico Nascimento, sob orientação do Prof Dr Osvaldo Fernandez.

⁸ Como a lógica da mancha está associada ao mercado e a estilos de vida, é comum que, no interior de uma mancha, encontremos a concorrência de serviços e estabelecimentos concorrentes.



especialização funcional dos espaços e são definidos a partir do consumo⁹. Uma mancha só tem significado se for reconhecida como parte de um processo de uso do espaço por grupos específicos que, de posse de determinados atributos culturais comuns, dão novo significado à experiência de estar no espaço da cidade¹⁰. Dessa forma, há identidade e complementaridade entre as funções no interior de uma mancha.

ESPAÇOS HOMOSSEXUAIS EM SALVADOR

O mapeamento da sociabilidade homossexual em Salvador foi feito a partir da consulta a websites, livros, revistas, jornais de grande circulação e de jornais da comunidade homossexual sobre a existência de locais de uso exclusivo ou preferencial deste público relativos ao lazer, ao trabalho e a moradia.

Depois da catalogação, caracterização e classificação dos locais segundo o tipo (público/privado), os usos (moradia, lazer, trabalho) e os frequentadores (gênero, classe, raça/etnia, curso da vida e identidade sexual), foram construídos mapas digitais com o auxílio do aplicativo LOUOS, da Prefeitura Municipal de Salvador.

Com o objetivo de complementar o estudo, todos os locais foram visitados e os mapas definitivos construídos, definindo-se assim as três grandes manchas homossexuais em Salvador: o **Centro**, a **Barra** e a **Boca do Rio**.

a) Mancha Centro Histórico, Barris, Campo Grande

A região engloba o Centro Histórico/ Pelourinho, Avenida Carlos Gomes, Avenida Sete, Dois de Julho e Campo Grande. Há uma grande diversidade de serviços de bares, saunas, “espaços de pegação” (*cruising*), territórios de prostituição, cinemas, boates e uma concentração residencial esparsa, principalmente nos bairros Dois de Julho e Barris. Nestes espaços, convivem e se encontram populações marginalizadas, professores universitários e seus alunos, boêmios, artistas, militantes de causas diversas¹¹, e profissionais do sexo (masculinos, femininos e travestis que se prostituem).

⁹ Como Magnani estudou os esotéricos e costureiras em São Paulo, grupos que não carregam estigmas pesados como as populações LGBT, a questão da segregação esteja menos visível.

¹⁰ No caso de Salvador, no Centro Histórico, enquanto durante o dia certas ruas servem ao comércio popular, à noite, estas mesmas ruas servem de território da prostituição.

¹¹ Militantes ligados aos Movimentos Negro, Homossexual e Feminista, a Partidos Políticos e Sindicatos



FIGURA 1: MANCHA CENTRO

Nesta chamada mancha Centro, encontramos importantes instituições ligadas aos direitos humanos (GAPA) e à militância homossexual (GGB). Também são encontradas três saunas nesta região. Como estão distribuídas de forma mais ou menos próxima, é possível se deslocar entre todas elas a pé. Uma está no bairro Dois de Julho e as outras duas saunas estão situadas entre os Barris e a Piedade. Há também uma série de bares e restaurantes, no Pelourinho, Dois de Julho, Avenida Carlos Gomes e Campo Grande.

b) Barra

É a região que, geograficamente, engloba o bairro da Graça, região predominantemente residencial de classe média alta e muito tradicional em Salvador, e a Barra, desde o Porto até o Cristo, principalmente ao longo da Orla. Há certa oferta de serviços de bares, saunas, alguns espaços de pegação, uma boate e certa fixação residencial. Nestes espaços convivem e se encontram populações de classe média e alta, em busca de diversão e moradia de qualidade. Aqui, as populações marginalizadas são menos visíveis. Os gays e lésbicas aqui apresentam elevado poder aquisitivo e acesso a bens de consumo. O custo de vida também é maior e o valor dos imóveis é cerca de duas vezes mais caro em relação à região do Dois de Julho (Centro).

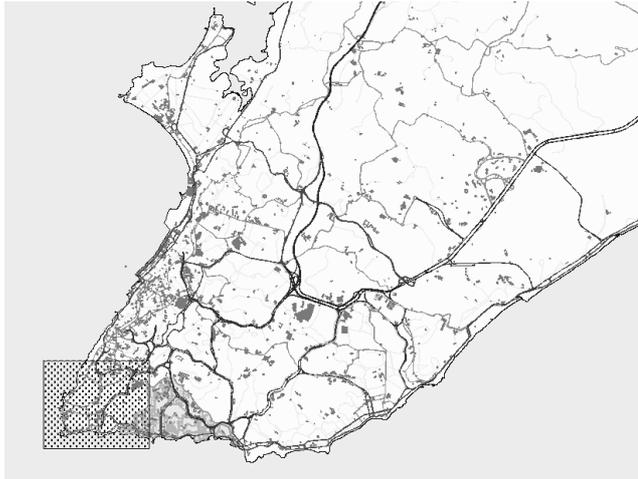


FIGURA 2: MANCHA BARRA – GRAÇA

c) Mancha Orla – Boca do Rio

A região LGBT da Boca do Rio, também chamada de Mancha Orla, é conhecida pela sua ligação com os serviços da Praia dos Artistas. Embora a apropriação desta praia por esta população remeta aos anos 1970, a partir dos anos 1990 esta região começou a expandir seu reino de influencia, com a abertura de bares frequentados por homossexuais após a praia. Atualmente, pode-se ver que é uma mancha consolidada pela longevidade da praia e pela crescente abertura de bares e outros serviços na região. Nos anos 2000, uma sauna e dois bares segmentados foram abertos na região e mantêm-se atualmente.

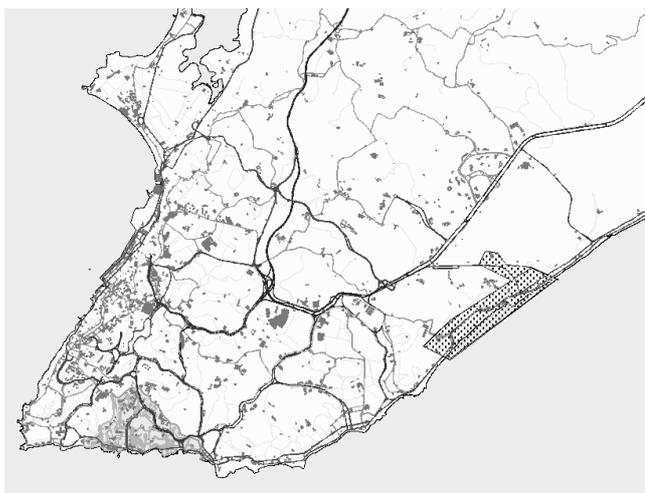


FIGURA 3: MANCHA ORLA



A comparação dos dados encontrados para a década de 2000 com o estudo de Mott indica um crescimento numérico da oferta de locais segmentados para LGBT, embora a configuração dos espaços não tenha mudado de forma significativa. As mudanças dizem mais respeito à dinâmica interna de funcionamento das manchas do que a um alargamento do tamanho do raio de influência das mesmas.

De significativo, ficou evidenciado o deslocamento do eixo de lazer do público de maior poder aquisitivo para a Orla, cada vez mais distante do Centro, mas essa é uma tendência geral para Salvador, não só em relação ao lazer, mas relativo a todos ao uso geral da cidade. (SAMPAIO: 1999).

Crimes letais contra LGBT em Salvador

De acordo com Simões (2009), entre os anos 1990 e 2000, o modelo de atuação dos grupos organizados do movimento de lésbicas, gays, bissexuais e travestis no Brasil – atualmente movimento LGBT e não mais movimento homossexual – sofreu algumas transformações. Dessa forma, as bandeiras de luta passaram a englobar a articulação pela garantia de direitos, como a parceria civil e a criminalização da homofobia. Passado o temor da AIDS e as ações majoritárias de combate à epidemia, os grupos passaram a um diálogo com os governos de forma objetiva e sistemática, visando à cooperação técnica e o financiamento de projetos. Nos anos 2000, as plataformas de luta do movimento LGBT entraram nas agendas dos governos, com a aprovação de leis municipais de combate à discriminação, a proposição de políticas públicas nos governos e criação de órgãos governamentais para promoção dos direitos dos homossexuais.

Com o advento da participação popular, propagado pela Constituição de 1988, e o avanço das conquistas alcançadas pelo movimento LGBT, observamos o refinamento da relação entre o governo e os movimentos sociais. Seguindo esta tendência, são propostas consultas públicas com a participação de representantes da sociedade civil organizada em conferências consultivas e deliberativas para a formulação de políticas para promoção dos direitos e da cidadania das populações LGBT, em todos os níveis de governo. A inserção das bandeiras de luta nas mais diversas áreas, como saúde, segurança pública, educação e justiça poderia levar a crer que os homossexuais vivem um momento de reconhecimento de direitos por parte do estado e aceitação social.



Ao entender como está distribuída a violência contra a comunidade homossexual no espaço urbano de Salvador, esta pesquisa possibilitará a compreensão da relação entre o grau de visibilidade e assunção da homossexualidade com os discursos em torno da violência e as representações e estratégias de sobrevivência em cada território pesquisado, verificando se a hipótese de Castells para as cidades americanas pode explicar a ocupação urbana por homossexuais nesta cidade.

Embora a conjuntura brasileira apresente uma maior aceitação e inclusão das populações LGBT, esta ainda convive com a violação cotidiana de seus direitos. Desde a fundação do GGB – Grupo Gay da Bahia (1980), este grupo coleta, sistematiza e divulga anualmente dados acerca das violações dos direitos humanos no País, com especial atenção para os assassinatos. Segundo os levantamentos do grupo, a cada três dias, um homossexual é assassinado no Brasil e inúmeras outras formas de agressão continuam sendo direcionadas contra esse segmento da população (Mott e Cerqueira: 2003). No período 2000-2007, são reportados pela mídia e grupos especializados 58 casos de assassinato pessoas LGBT na cidade de Salvador¹².

Para o levantamento destes crimes contra LGBT em Salvador, partimos de uma pesquisa mais abrangente, que busca identificar as tendências gerais de violência contra LGBT no Brasil e sua distribuição espacial. A pesquisa foi iniciada em 2008, com a construção de um amplo banco de dados com notícias acerca de crimes contra LGBT no Brasil.

Foram reunidas e fotocopiadas as notícias catalogadas pelo GGB acerca do tema e adicionamos um novo lote de reportagens, fruto de uma busca (clipagem) específica em jornais do Brasil no período 2000-2007, criando assim um grande banco de dados para a pesquisa do Ministério da Saúde. De posse deste novo banco de dados, composto por mais 5500 reportagens, foram catalogados os crimes ocorridos no Brasil e depois, segregados os crimes ocorridos em Salvador.

Após a catalogação das reportagens, foi criada uma estrutura analítica que compreende quatro eixos: (I) a fonte da reportagem, (II) a representação do ambiente e do crime, caracterização da (III) vítima e do (IV) agressor. Na fonte da reportagem, buscamos caracterizar o veículo da notícia, o título da reportagem, a repercussão do caso (quantidade de reportagens e veiculação em listas LGBT). Sobre o ambiente e o crime, buscamos localizá-lo espacialmente, com o máximo de dados possíveis (tipo de ambiente, local e data), e registrar os modos de agressão e os requintes de crueldade. Acerca da vítima e do agressor, buscamos traçar, com os dados disponíveis nas

¹² O número de casos pode variar, já que a pesquisa está em fase de conclusão.



reportagens, um perfil socioeconômico, incluindo as identidades sexuais a relação entre a vítima e o agressor.

Nesta etapa de pesquisa, foi bastante significativa a utilização de planilhas eletrônicas que permitiram a catalogação, tabulação e agrupamento dos dados. Com a utilização das planilhas, o objetivo era a rápida visualização dos casos, tanto agrupados quanto isoladamente. Dessa forma, podemos acessá-los e visualizá-los tanto individual, para uma análise detalhada de cada crime em si, quanto coletivamente, para observação de tendências gerais de crimes, gerando inúmeras possibilidades de relação e análise.

Com a proximidade da finalização do projeto, prevista para o ano de 2010¹³, a etapa de análise está sendo apoiada pela utilização de um software de tabulação e análise de dados, específico para pesquisas, e que permite tornar o processo de construção de gráficos e tabelas mais rápido e objetivo. Após esta etapa de análise dos crimes reportados e suas especificidades (representação, ambiente, vítima e agressor), a distribuição espacial (mapeamento) dos mesmos permite verificar tendências gerais, de segregação espacial e maior incidência, possibilitando assim, a construção de um panorama da violência.

A partir da análise preliminar dos dados, identificamos em Salvador 58 ocorrências de homicídios contra homossexuais, em quase todas as regiões do município. O estágio atual, já concluída a caracterização das vítimas, compreende uma análise territorial, com a distribuição das ocorrências por Bairros¹⁴ e Regiões Administrativas¹⁵, correlacionando-os com dados acerca do contingente populacional, densidade demográfica, e índices de desenvolvimento humano e social por região.

Sobre as vítimas, temos treze ocorrências de homicídios contra travestis, 45 contra homens gays e nenhuma contra mulheres lésbicas ou bissexuais. Embora estes dados estejam sendo revistos, é possível que nenhum relato de assassinato de mulher lésbica ou bissexual tenha sido reportado na grande mídia ou pelos grupos de defesa dos direitos humanos.

Sobre o perfil geral das vítimas, vale a pena adiantar que as travestis são aquelas que mais sofrem violência em espaços públicos, em função da associação com a prostituição, que as expõe a

¹³ O projeto para o Brasil foi aprovado em 2007, com implantação, como previsto, em 2008.

¹⁴ Os bairros, que são definidos pela identificação e pelos usos e costumes da cidade, não possuem uma definição ou delimitação oficial em Salvador.

¹⁵ As Regiões Administrativas foram estabelecidas pelo Decreto Municipal 7.791, de 16/05/1987. Elas são resultados do agrupamento dos setores censitários do IBGE e formam 17 conjuntos que orientam a descentralização da administração municipal de Salvador. Elas são identificadas mediante uma numeração seqüencial, representada por algarismos romanos e nome de referência. Muitas das regiões administrativas têm nomes de um bairro, mas agregam mais de um em seu conteúdo. Os bairros não possuem uma definição e codificação oficial formulada pela prefeitura.



maiores situações de vulnerabilidade nas ruas. Sobre elas, as vítimas encontradas possuíam entre 21 e 38 anos, a maioria profissionais do sexo (sete casos) e cabeleireiros (dois casos). O uso de arma de fogo foi o principal modo de agressão, posto que nove das trezes travestis assassinadas foram mortas a tiros. A maioria dos casos ocorreu no período noturno e em ambientes abertos, tais como ruas e locais ermos. Há poucas informações sobre os agressores, o que tem impedido a construção de seu perfil, consequentemente posicioná-los na rede social das vítimas. Apenas em seis casos há informação sobre os agressores, todos eles do sexo masculino e apenas um deles, foi identificado, processado, julgado e preso. Identificamos apenas três casos nos quais os agressores foram testemunhados como “desconhecidos” das vítimas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTELLS, M. A Era da Informação: economia, sociedade e cultura, vol. 2, Rio de Janeiro: Paz e terra, 1999
- MAGNANI, J. GUILHERME C. e TORRES, LILIAN (org.). - Na Metrópole: Textos de Antropologia Urbana. São Paulo, Edusp, 2000
- MACRAE, Edward. Em Defesa do Gueto. Novos Estudos Cebrap, São Paulo, v. 2, 1, p. 53-60, abr. 1983
- MACRAE, Edward. *A construção da igualdade. Identidade sexual e política no Brasil da “abertura”*. Campinas, Ed. da Unicamp, 1990.
- MOTT, L. R. B. A Cena Gay em Salvador em Tempos de Aids.. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia/Ministério da Saúde, 2000. 150 p.
- MOTT, L. R. B.; CERQUEIRA, M. Matei porque dei ao gay. Salvador: Editora GGB, 2003
- NASCIMENTO, E S: Mapeamento de Territórios e Circuitos Homossexuais em Salvador: Há um gueto gay? Monografia de Graduação. Salvador: Uneb, 2007
- OLIVEIRA, Neuza Maria de. Damas de Paus: O jogo aberto das travestis no espelho da mulher. Salvador: CEUFBA, 1994
- PARK, Robert E. 1916. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio G. (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Zahar, 1967.
- PERLONGHER, Nestor. O Negócio do Michê. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- SAMPAIO, A. H. L. Formas Urbanas: Cidade-Real & Cidade-Ideal. 1. ed. Salvador: Quarteto, 1999.
- SIMÕES, J. A. ; FACCHINI, R. . Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT. 1. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009. v. 1. 196 p.



SIMÕES, J. A. ; FRANÇA, Isadora Lins . Do gueto ao mercado. In: James N. Green; Ronaldo Trindade. (Org.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Editora Unesp, 2005, v. , p. 309-333

WIRTH, L. 1928. *The Ghetto*. Chicago, University of Chicago.